

## DIÁLOGO INTERGERACIONAL UM ESTUDO DE CASO EM CONTEXTO COMUNITÁRIO

Marley Regina Vigiolli<sup>1</sup>

### RESUMO

O envelhecimento populacional no Brasil, impulsionado pela transição demográfica e pelos avanços científicos, demanda novas abordagens sobre a valorização da memória e o saber envelhecer. Para Walter Benjamin, a experiência dos narradores foi substituída pelas tecnologias, enquanto para Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs, se faz necessário a recuperação da memória coletiva. Este estudo pretende investigar o diálogo intergeracional e fomentar a troca de experiências em torno do saber envelhecer na sociedade plataformizada, onde os laços sociais se encontram fragmentados. Pretende-se assim, desenvolver e implementar a “ Casa do saber envelhecer” virtual, para difundir experiências de Velhos da comunidade de Ibaté/SP, Adota-se o termo “velho” como escolha teórica e política, rompendo com eufemismos e reafirmando a velhice como território de experiência, cultura e resistência simbólica.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Memória coletiva; Intergeracional.

### ABSTRACT

Population aging in Brazil, driven by demographic transition and scientific advances, demands new approaches to valuing memory and the art of aging. For Walter Benjamin, the experience of storytellers has been replaced by technologies, while for Ecléa Bosi and Maurice Halbwachs, the recovery of collective memory is necessary. This study aims to investigate intergenerational dialogue and foster the exchange of experiences around the art of aging in a platformized society, where social ties are fragmented. The intention is to develop and implement a virtual "house of aging knowledge" to disseminate the experiences of older people from the community of Ibaté/SP. The term "old" is adopted as a theoretical and political choice, breaking with euphemisms and reaffirming old age as a territory of experience, culture, and symbolic resistance.

**Keywords:** Aging; Collective memory; Intergenerational.

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento, frequentemente marcado pela perda da memória social, revela-se agravado pelo isolamento dos velhos da vida coletiva. Trata-se de um tema atual e urgente, sobretudo diante do crescimento acelerado da população envelhecida e da necessidade de repensar os modos de compreender a velhice e, assim,

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGPCM/UFSCar. E-mail: marleyvigiolli@gmail.com

de formas de vidas pulsantes e ativas. Historicamente, o olhar sobre o envelhecer tem sido construído a partir de saberes externos ao próprio “saber envelhecer”, sustentados por opiniões equivocadas que classificam a velhice como doença. Nesse enquadramento, os velhos são destinados ao confinamento em asilos, casas de repouso ou “espaços de descanso” e outras práticas que mascaram a exclusão. Tal perspectiva não apenas desumaniza o envelhecer, mas também rompe os fios de memória que ligam os Velhos à vida social, cultural e comunitária, empobrecendo os fios do tecido coletivo. Torna-se fundamental a valorização das trajetórias individuais dos Velhos ocasionando uma reflexão sensível e crítica sobre memória, pertencimento e dignidade no envelhecer. A reflexão sobre o envelhecer em novas dimensões e em múltiplas telas, abre espaço para que a velhice seja compreendida não apenas como perda, mas como experiências compartilhadas em uma rede de histórias que se entrelaçam em diferentes formatos audiovisuais como: cinema, literatura, música, artes visuais, mídias digitais, e que permitem aos Velhos permanecerem ativos na construção da memória coletiva. Nesse sentido, este trabalho não é apenas o fim, mas o porvir narrativo, onde cada fio da velhice pode ser tecido e compartilhado em novas plataformas, recuperando o lugar dos velhos como protagonistas da cultura e da vida social.

Neste trabalho usaremos o termo ‘velho’ no lugar de idoso, terceira idade, melhor idade, entre outros eufemismos, por entendermos que o termo “idoso” pertence a uma categoria técnica, burocrática e higienizada, amplamente utilizada por políticas públicas e discursos institucionais. Assim, o termo Velho recoloca o envelhecimento no campo da experiência, da história e da linguagem social. Ao adotarmos o termo velho, o texto rompe com a tentativa de suavizar ou ocultar a condição de envelhecer e devolve a velhice ao campo de disputa simbólica. Nomear-se velho não significa aceitar a desvalorização, mas reivindicar visibilidade, história e presença no mundo. Nesse sentido, como também indica Ecléa Bosi, o velho não é um sujeito em declínio, mas um guardião da memória social: “O relato dos velhos é uma história vista de baixo, que revela o sentido humano das transformações sociais.” (Bosi, 1994, p. 39). Assim, o uso do termo Velho neste artigo articula-se a uma perspectiva crítica do envelhecimento, que compreende a velhice não como déficit, mas como território de experiência, narrativa e resistência pró-vida.

O envelhecimento populacional vem se intensificando nas últimas décadas em escala global, configurando uma das mais profundas transformações demográficas e socioculturais da contemporaneidade. Esse processo, embora represente uma conquista civilizatória decorrente dos avanços científicos e das políticas de saúde, também evidencia tensões em sociedades que continuam estruturadas em torno da produtividade, da juventude e do consumo. Uma evidência empírica do envelhecimento populacional descrito, está nos dados demográficos atuais: segundo estimativas da *United Nations Population Fund (UNFPA)*, a proporção de pessoas com 65 anos ou mais praticamente dobrou nas últimas décadas, passando de aproximadamente 5,5% em 1974 para cerca de 10,3% em 2024. Essa tendência deve prosseguir ao longo do século XXI, e projeta-se que até 2074 mais de 20% da população mundial será composta por pessoas idosas (UNFPA, 2024). Esses números confirmam que o envelhecimento populacional não é apenas uma construção social, como destacado por Simone de Beauvoir ao afirmar que “a velhice não é apenas um fato biológico, mas uma construção social” (BEAUVOIR, 1990, p. 17), mas também um fenômeno demográfico real e mensurável, impulsionado por mudanças estruturais como o aumento da expectativa de vida e a queda nas taxas de natalidade em diferentes regiões do mundo.

Para Beauvoir, as formas como os idosos são percebidos, representados e tratados revelam os valores centrais de cada sociedade. Nesse contexto, a exclusão simbólica e material da velhice pode ser compreendida como parte de uma reestruturação da vida social contemporânea, marcada pela lógica da produtividade imediata e pela administração de metas orientadas por dados coletados e processados por sistemas impessoais e burocráticos. Essa racionalidade tecnocrática desloca o olhar sobre a velhice: aquilo que antes era nomeado como “sujeitos vulneráveis” passa a ser transferido para categorias ligadas à pobreza e à miséria, enquanto o envelhecer é inserido em um quadro que o reduz a estatística, a custo social ou o problema médico.

Nesse movimento, a velhice perde sua dimensão cultural e comunitária, sendo tratada como objeto de gestão e isolamento, em vez de como experiência humana que carrega memória, saberes e narrativas fundamentais para os fios do tecido coletivo. A memória, por sua vez, constitui um eixo central para a compreensão do envelhecimento. Ecléa Bosi afirma que “os velhos são os grandes depositários da memória coletiva” (Bosi, 1994, p. 63), pois concentram narrativas, saberes e experiências que estruturam a

identidade dos grupos sociais. Para Walter Benjamin, “a experiência só se transmite pela narrativa” (Benjamin, 1994, p. 205), o que reforça a importância da escuta e da circulação das histórias de vida no fortalecimento dos vínculos intergeracionais. A ruptura desses circuitos de transmissão implica uma perda simbólica que atinge toda a sociedade. Diante desse cenário, este artigo propõe investigar o diálogo intergeracional entre estudantes da Escola Técnica de Ibaté/SP (ETEC) e moradores da “Casa de Idosos” do município, compreendendo o letramento digital como prática social capaz de promover inclusão, autonomia e valorização da memória na sociedade plataformizada. Ao fomentar trocas de experiências em torno do saber envelhecer, o estudo busca analisar de que maneira a produção colaborativa de conteúdos digitais pode fortalecer o protagonismo dos velhos, ampliar sua participação social e contribuir para a desconstrução de estereótipos associados à velhice.

Pretende-se criar uma plataforma denominada “Casa do Saber Envelhecer” que constitui, nesse contexto, não apenas um produto tecnológico, mas um dispositivo pedagógico e simbólico de mediação intergeracional, no qual jovens e velhos assumem papéis complementares na construção de narrativas e saberes compartilhados. Ao investigar as dinâmicas de interação, os desafios técnicos e as transformações subjetivas decorrentes dessa experiência, o estudo pretende contribuir para o debate contemporâneo sobre envelhecimento, educação digital e memória coletiva, evidenciando o potencial das práticas colaborativas para a construção de uma cultura mais inclusiva, dialógica e socialmente sustentável.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A presente pesquisa investiga a produção de conteúdos digitais intergeracionais em ambiente educacional, com o objetivo de compreender como jovens e velhos podem construir conjuntamente a memória social por meio de práticas colaborativas. Essa temática insere-se no campo das políticas e ações de inclusão digital e social, articulando saberes da educação, da comunicação e dos estudos da memória. O foco recai sobre as dinâmicas de interação entre gerações e sobre os modos pelos quais o ambiente digital pode se constituir como espaço de diálogo, aprendizagem mútua e transmissão de experiências, favorecendo a valorização do envelhecimento e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

O avanço das tecnologias digitais modificou não apenas os modos de aprender, mas também as formas de socialização, participação política e construção de identidade nas diferentes gerações. A expansão da internet, das redes sociais e das plataformas digitais transformou a comunicação em uma prática contínua, instantânea e multimodal, alterando profundamente as dinâmicas de interação social. Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT, 2023), mais de 5 bilhões de pessoas utilizam a internet no mundo, o que representa cerca de 67% da população global, evidenciando a centralidade das tecnologias digitais na vida contemporânea.

Entre os jovens, especialmente aqueles pertencentes à chamada Geração Z, o ambiente digital constitui espaço privilegiado de socialização, aprendizagem informal e produção cultural. Pesquisas do *Pew Research Center* (2022) um centro de pesquisa independente, sem fins lucrativos, sediado em *Washington, D.C., Estados Unidos*. indicam que mais de 95% dos adolescentes possuem acesso a smartphones, utilizando redes sociais como espaços de construção identitária, engajamento social e expressão política. Nesse contexto, a aprendizagem ocorre de forma híbrida, combinando ambientes formais e informais, ampliando o conceito tradicional de educação.

No caso das pessoas idosas, o cenário apresenta especificidades. Embora historicamente tenham sido consideradas excluídas digitalmente, observa-se crescimento significativo da presença desse grupo no ambiente virtual. Dados do IBGE (2022) apontam aumento expressivo no acesso à internet entre brasileiros com 60 anos ou mais, especialmente após a pandemia de COVID-19, quando o uso de aplicativos de mensagens e videochamadas tornou-se fundamental para a manutenção de vínculos familiares e sociais. A tecnologia passou, nesse contexto, a exercer função de mediação afetiva e de combate ao isolamento social.

Pesquisas na área de gerontologia digital demonstram que o uso de redes sociais por idosos está associado à ampliação da autonomia, ao fortalecimento da autoestima e à manutenção de redes de apoio (Almeida; Alves; Lemos, 2019). Contudo, persiste uma desigualdade geracional no domínio técnico e na apropriação crítica das tecnologias. Enquanto os jovens tendem a apresentar maior fluência operacional, os idosos frequentemente enfrentam barreiras relacionadas à usabilidade, linguagem técnica e insegurança digital. Nesse sentido, iniciativas intergeracionais tornam-se estratégicas, pois promovem troca de saberes: os jovens oferecem suporte tecnológico, enquanto os

idosos compartilham experiências, memória e repertório cultural, configurando um processo de aprendizagem mútua.

Nesse contexto, o conceito de letramento digital ganha centralidade. Embora o conceito de letramento tenha sido amplamente desenvolvido por Magda Soares, é fundamental distinguir essa noção das categorias de letramento digital e educação digital ou midiática. Para Soares, letramento refere-se ao “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 2002, p. 39), ultrapassando a dimensão técnica da alfabetização. A autora reforça que “letramento diz respeito não apenas à aquisição da habilidade de ler e escrever, mas ao uso dessas habilidades em práticas sociais” (Soares, 1998, p. 72), evidenciando seu caráter sociocultural.

No contexto das tecnologias contemporâneas, essa noção é ampliada para o campo digital. Buzato afirma que “o letramento digital implica não apenas o domínio técnico de ferramentas tecnológicas, mas a inserção em práticas comunicativas mediadas por tecnologias digitais” (Buzato, 2009, p. 17), destacando que se trata de participação ativa em ambientes digitais e não apenas de competência instrumental. De forma complementar, Coscarelli observa que “letramento digital não é apenas saber usar o computador, mas compreender como os textos circulam na rede, como são produzidos e como produzem sentidos” (Coscarelli, 2016, p. 18), enfatizando a dimensão crítica e interpretativa desse processo.

Essa visão articula-se às reflexões sobre memória e transmissão cultural. Como afirma Bosi, “o relato dos velhos é uma história vista de baixo, que revela o sentido humano das transformações sociais” (Bosi, 1994, p. 39), destacando o papel do Velho como narrador e guardião da memória coletiva. De modo complementar, Halbwachs sustenta que “a memória individual existe apenas enquanto se apoia na memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p. 47), indicando que a construção da identidade e da lembrança é sempre um processo socialmente compartilhado.

Ao dialogar com Benjamin, compreende-se que a narrativa constitui forma essencial de transmissão da experiência, o autor afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1987, p. 198) e acrescenta que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros” (Benjamin, 1987, p. 201). Entretanto, na

modernidade, a informação tende a substituir a experiência, pois “se esgota no momento em que é comunicada” (Benjamin, 1987, p. 203). Nesse cenário, o ambiente digital pode ser ressignificado como espaço de continuidade da experiência narrada, desde que apropriado criticamente.

Promover o letramento digital dos idosos, portanto, significa reconhecer sua potência como sujeitos narradores e produtores de saberes, rompendo com estereótipos de passividade e reafirmando seu papel ativo na construção da memória social contemporânea. Assim como Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979), analisou comportamentos sociais a partir das narrativas de trabalhadores idosos, propõe-se, neste estudo, refletir sobre como as narrativas midiáticas produzidas por idosos podem constituir uma memória coletiva mediada pelas plataformas digitais, integrando tradição e contemporaneidade no chamado mundo plataformizado.

### **3. METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter aplicado, fundamentado nos pressupostos da pesquisa-intervenção e da educação intergeracional. O estudo será desenvolvido no município de Ibaté/SP, envolvendo estudantes do ensino médio da Escola Técnica Estadual (ETEC) e moradores da “Casa de Idosos” da cidade. O objetivo central é investigar como o diálogo intergeracional, mediado por práticas de letramento digital, pode fomentar trocas de experiências em torno do saber envelhecer na sociedade plataformizada.

A proposta metodológica articula atividades formativas e colaborativas que culminarão na criação da plataforma digital denominada “Casa do Saber Envelhecer”, concebida como espaço virtual de registro, circulação e valorização das narrativas produzidas pelos velhos em parceria com os estudantes. A pesquisa integra ações de formação técnica, produção audiovisual e reflexão crítica sobre o envelhecimento e a inclusão digital.

Inicialmente, os estudantes participarão de oficinas de vídeo, cursos de letramento digital e atividades vinculadas ao projeto de extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desenvolvendo competências relacionadas à produção de conteúdo audiovisual, edição, curadoria e mediação tecnológica. Esses estudantes

atuarão como colaboradores no processo de formação digital da comunidade de velhos, estabelecendo uma dinâmica de troca de saberes.

Paralelamente, serão realizadas atividades voltadas à capacitação dos velhos para o uso de ferramentas digitais, incluindo o manuseio de *smartphones*, acesso a portais de serviços públicos, aplicativos bancários, plataformas de compras online e redes sociais. Essa etapa busca promover autonomia digital, ampliar a inclusão social e reduzir barreiras técnicas que dificultam a participação plena dos velhos na cultura digital contemporânea.

No âmbito da produção de conteúdo, os velhos serão incentivados a utilizar seus dispositivos móveis para registrar histórias de vida, experiências cotidianas e memórias da comunidade, contando com o apoio técnico dos estudantes. Essas narrativas serão organizadas e disponibilizadas na plataforma “Casa do Saber Envelhecer”, constituindo um acervo digital de memória social, ambiental e afetiva.

Além da produção e publicação dos conteúdos, serão realizadas exposições mensais no contexto do projeto “Contos da Cidade”, proporcionando momentos de socialização das produções e ampliando o reconhecimento público das experiências compartilhadas. Essas sessões funcionarão como espaços de diálogo, valorização simbólica e fortalecimento dos vínculos intergeracionais.

A pesquisa também contempla a elaboração de conteúdos digitais voltados ao combate ao etarismo, produzidos colaborativamente por estudantes e velhos. Tais materiais como: vídeos, depoimentos e campanhas digitais, buscarão problematizar estereótipos associados ao envelhecimento e contribuir para a construção de novas representações sociais sobre a velhice.

Para fins de investigação, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes e velhos participantes, além de observação participante durante os encontros intergeracionais. Os registros audiovisuais, as produções digitais e os relatos coletados comporão o corpus de análise. Os dados serão examinados por meio de análise de conteúdo, considerando categorias como autonomia digital, inclusão social, diálogo intergeracional, percepção de bem-estar e ressignificação do envelhecimento.

As questões que orientam a pesquisa concentram-se na compreensão do potencial das narrativas digitais para promover diálogo entre gerações, ampliar a autonomia e fortalecer a percepção de pertencimento dos velhos; na análise do papel da

plataforma “Casa do Saber Envelhecer” na desconstrução de estereótipos etários; e na identificação dos principais desafios técnicos, sociais e subjetivos enfrentados pelos velhos no processo de aquisição do letramento digital necessário à participação na sociedade plataformizada.

Dessa forma, a metodologia articula formação tecnológica, produção cultural e investigação científica, configurando-se como prática educativa que integra ensino, extensão e pesquisa, ao mesmo tempo em que promove inclusão digital e valorização da memória na velhice.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O envelhecimento populacional, intensificado nas últimas décadas, impõe às instituições educativas e às políticas públicas o desafio de repensar os modos de inclusão, participação e valorização social do velho na contemporaneidade. Em uma sociedade cada vez mais mediada por plataformas digitais, o acesso às tecnologias deixou de ser apenas uma questão instrumental e passou a constituir condição para o exercício pleno da cidadania.

O presente artigo buscou evidenciar que o letramento digital, compreendido como prática social e não apenas como domínio técnico, pode se tornar um potente dispositivo de inclusão e de ressignificação do envelhecimento quando articulado a experiências intergeracionais. Ao promover o encontro entre estudantes do ensino médio e moradores da “Casa de Idosos” de Ibaté/SP, o projeto demonstrou que o diálogo entre gerações favorece não apenas a aquisição de competências tecnológicas, mas também a circulação de saberes, memórias e experiências de vida.

Pretende-se com as narrativas que serão produzidas e compartilhadas na plataforma “Casa do Saber Envelhecer” constatar que o ambiente digital pode funcionar como novo espaço de atualização dos quadros sociais da memória, ampliando a visibilidade das histórias dos velhos e fortalecendo seu reconhecimento simbólico na comunidade. Nesse processo, o jovem deixa de ocupar exclusivamente o lugar de detentor do saber tecnológico, enquanto o velho assume a posição de narrador, produtor cultural e agente ativo na construção da memória coletiva.

Pretende-se observar como a participação dos velhos em práticas de letramento digital contribuirá para o fortalecimento da autonomia, da autoestima e do sentimento de pertencimento social. Ao mesmo tempo, os estudantes ampliam sua compreensão sobre o envelhecimento, desconstruindo estereótipos associados à passividade e à obsolescência. O diálogo intergeracional, portanto, configura-se como estratégia pedagógica capaz de produzir transformação recíproca.

Entretanto, permanecem desafios significativos, sobretudo no que se refere às barreiras técnicas, às inseguranças subjetivas e às desigualdades estruturais que atravessam o acesso às tecnologias. Tais obstáculos evidenciam a necessidade de políticas públicas continuadas de inclusão digital voltadas à velhice, bem como de iniciativas educacionais que articulem formação crítica, mediação pedagógica e valorização da experiência.

Conclui-se que a produção colaborativa de conteúdos digitais pode atuar como prática de resistência ao etarismo, ao mesmo tempo em que fortalece a memória social e promove novos significados para o envelhecer na sociedade plataformizada. Ao integrar ensino, pesquisa e extensão, a proposta aqui apresentada reafirma a educação como espaço de encontro, escuta e construção compartilhada de saberes, demonstrando que aprender a envelhecer é, também, aprender a dialogar entre gerações.

A plataforma virtual proposta neste artigo: "Casa do Saber Envelhecer", será um ambiente acessível, intuitivo e inclusivo, desenvolvido com *Design* Centrado no Usuário. Ela funcionará como um novo espaço social que sustenta a memória dos idosos na sociedade plataformizada, promovendo o diálogo intergeracional e a valorização da experiência acumulada. A plataforma contará com espaço para compartilhamento de narrativas em múltiplos formatos: textos, áudios e vídeos produzidos nas oficinas, permitindo que os idosos documentem e compartilhem suas histórias de vida e saberes; Fórum Intergeracional, espaço de diálogo ativo entre idosos e jovens, promovendo a troca de experiências, desmistificação de estereótipos sobre envelhecimento e construção de um novo significado para a velhice na comunidade; Galeria de Saberes, repositório organizado de receitas, ofícios tradicionais, histórias locais e conhecimentos acumulados pelos idosos, funcionando como um acervo vivo da memória coletiva da comunidade de Ibaté/SP. Resultado esperado: Uma comunidade digital inclusiva e intergeracional onde os idosos são protagonistas, produtores de

conteúdo e guardiões da memória, contribuindo para a autonomia, inclusão social e bem-estar de todos os participantes.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Letramentos digitais e formação de professores. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSCARELLI, Carla Viana. Letramento digital: do que estamos falando? In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

PEW RESEARCH CENTER. **Teens, social media and technology 2022**. Washington, DC: Pew Research Center, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

UNITED NATIONS POPULATION FUND (UNFPA). **State of world population 2024**. New York: UNFPA, 2024.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (UIT). **Measuring digital development: facts and figures 2023**. Genebra: ITU, 2023.



Marley Regina Vigiolli, bacharel em Direito pela FADISC/UFSCar, aluna do Programa de Pós Graduação em Produção de Conteúdo Multiplataformas UFSCar, [marleyvigiolli@gmail.com](mailto:marleyvigiolli@gmail.com)